

RIEDEL, Diaulas. *Os rios e as florestas: Amazonas e Pará. Seleção, instrução e notas de Ernani Silva Bruno, vol. I., São Paulo: Cultrix, 1959. 332p.*



João Claudio Arendt¹

É comum nos estudos literários da nossa época o resgate de autores e obras que, por diversas razões, caíram no esquecimento do público leitor ou que foram injustiçados, ignorados e até silenciados pela crítica literária. Os intelectuais envolvidos com os estudos culturais, por exemplo, têm desempenhado um papel importante nesse sentido, especialmente com o entendimento de que a literatura não é constituída apenas por obras e autores canônicos, mas também por escritores e textos supostamente menores, geralmente lançados na vala comum da literatura. Conectados a problemas sociais e políticos, esses intelectuais encaram sua prática teórica e crítica como forma de intervir nas mudanças socioculturais, e até de recuperar a cultura popular como expressão autêntica do povo, ou de dar voz à cultura de grupos marginalizados.

Nessa perspectiva, pode-se justificar a resenha de uma obra antiga que, mesmo relegada ao silêncio por sua visão do mundo equivocada², venha ao

¹ Doutor em Letras. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade e do Doutorado em Letras da UCS

² Apesar da visão colonizadora, eurocêntrica e elitista dos organizadores e de alguns autores enfeixados na Coleção Histórias e Paisagens do Brasil, acredita-se na importância do seu

encontro de certos debates e/ou temas de pesquisa, como o que é proposto pela Revista Estudos Amazônicos, com o seu dossiê temático sobre a Amazônia. A obra a que nos referimos aqui foi publicada no final da década de 1950 e integra a coleção “Histórias e paisagens do Brasil”, que é composta por 10 volumes dedicados a 10 regiões brasileiras, definidas por Ernani Silva Bruno de acordo com critérios geográficos e culturais. O material totaliza cerca de 3.000 páginas que reúnem contos, capítulos de romances, narrativas de viagens, memórias e evocações “de autoria de grandes escritores e de sábios ilustres” (p.331). A coleção forma o seguinte conjunto:

- Volume I – *Os rios e as florestas*: Amazonas e Pará;
- Volume II – *O sertão, o boi e a seca*: Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte;
- Volume III – *Os canaviais e os mocambos*: Paraíba, Pernambuco e Alagoas;
- Volume IV – *Coqueirais e chapadões*: Sergipe e Bahia;
- Volume V – *A cidade, o mar e as serras*: Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal;
- Volume VI – *O planalto e os cafezais*: São Paulo;
- Volume VII – *Pinheirais e marinhas*: Paraná e Santa Catarina;
- Volume VIII – *O pampa e os cavaleiros*: Rio Grande do Sul;
- Volume IX – *O ouro e a montanha*: Minas Gerais;
- Volume X – *As selvas e o pantanal*: Goiás e Mato Grosso.

De um modo geral, a coleção de antologias regionais foi organizada por Ernani Silva Bruno para o grande público, com o “propósito de proporcionar leitura fácil e atraente” (p.9) e para dar a conhecer cada região a partir de textos que “reflitam a paisagem, a casa, a comida, a roupa, as formas de atividade econômica e de relações sociais, os costumes, a língua, as artes, as crenças [...] no passado e no presente” (p.10).

Por isso, o conteúdo dos volumes foi escolhido de acordo com o critério temático e não biográfico. Desde um Carl Friedrich Von Martius, até um Dalcídio Jurandir, a busca do antologista foi por textos que registrassem “um ou

resgate para discutir a formação de regiões brasileiras através da literatura, da crônica e dos relatos de viagem.



mais aspectos da cultura de uma região, isto é, do conjunto de manifestações materiais ou espirituais de um grupo social vivendo em um determinado espaço geográfico” (p.10). Se utilizarmos aqui as categorias criadas por Jens Stüben³ para a elaboração de histórias literárias regionais, a que se enquadra melhor para descrever a(s) antologia(s) em questão é a da “literatura *sobre* uma região”. Está explícito que Ernani Silva Bruno quer dar a conhecer ao público as regiões do país através da literatura, e não a literatura de cada região brasileira através das antologias. Não lhe interessam, originariamente, o local de nascimento ou a nacionalidade dos autores escolhidos para compor os 10 volumes.

É interessante observar também os critérios utilizados para dividir o Brasil em dez regiões, para o que Ernani Silva Bruno recorda, por exemplo, as zonas estruturais, do geólogo Betim Pais Lemes, as zonas naturais de produção econômica, de Souza Brito, as zonas baseadas nos tipos regionais de alimentação popular, de Joaquim Ribeiro, a divisão em áreas raciais, de Roquette Pinto, e a divisão em regiões histórico-geográficas, de João Ribeiro e Capistrano de Abreu. Mas, para além disso, a divisão oficial criada em 1941 pelo IBGE constitui a base daquela adotada pelo antologista: região norte, região nordeste, região leste, região sul e região centro-oeste. Conforme se vê na listagem dos dez volumes da antologia, feita anteriormente, a divisão oficial é desdobrada, de modo arbitrário, em outras dez regiões ou sub-regiões.

Nos “Apontamentos sobre a região” denominada “Os rios e a floresta”, o autor apresenta informações geográficas, sociais, históricas, humanas e culturais. Sem a intenção de esgotar a análise desses elementos nesta resenha, pode-se chamar a atenção para alguns aspectos bem pontuais. O primeiro diz respeito às denominações dadas à região, como Inferno Verde, Paraíso verde, Região das Náiades, Zona da Borracha e da Castanha, Região da Tartaruga e do Pirarucu: “Acima de tudo – afirma Bruno –, é a Amazônia a região dos grandes rios e das

³ Cf. STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (Orgs.). *Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

grandes florestas sombrias. Mancha verde de imensas matas equatoriais debruçadas sobre caudais gigantescos e sobre o labirinto de paraná-mirins, de furos, de igarapés, de curuperês” (p.16).

O segundo aspecto diz respeito aos hábitos e práticas regionais, decorrentes do ambiente e das atividades econômicas. O morador da região teria uma “existência meio aquática”, com “o rio interferindo na sua casa, na sua comida, no seu transporte, na sua saúde” (p.16), em função de o cabedal fluvial constituir quase que exclusivamente o modo de sustento e as vias de intercomunicação de toda a região. Nos rios, as diferentes embarcações, as pilhas de toras de madeira para comércio, as habitações em forma de trapiches; dos rios, boa parte do sustento em forma de variados peixes e tartarugas (estas chamadas de “vacas amazônicas” ou “gado do rio”).

Quanto à economia, Ernani Silva Bruno destaca a exploração de produtos nativos, como diferentes variedades de madeira, especialmente o cedro, o cacauieiro, o cravo, a baunilha, o óleo de copaíba e o látex da seringueira. A lavoura, entretanto, “não tem quase significação econômica” (p.21), fazendo-se presentes pela mão do “caboclo” pequenas roças de milho, feijão, batata, legumes, mandioca, banana e pimenteira. Poucas são as plantações de cana-de-açúcar, algodão, café, cereais e juta. A criação de gado é bastante arriscada, por causa do calor e dos predadores naturais, como onças, jacarés e piranhas. O comércio, por fim, caberia ao regatão ou bufarinheiro com sua galeota.

O tipo humano regional é constituído por uma “confusa mistura racial” (p.22): gente da Síria, do Algarve, de Hong-Kong, de Minas Gerais, de Marselha, de Barbados, da Alemanha, do Ceará etc. Conforme Ernani Silva Bruno,

no quadro dessa confusa mistura racial há um elemento que representa o fundo da população, e esse é o tapuío. Em nenhuma outra região brasileira é tão visível a influência do bugre nos costumes, nos modos de vida, na psicologia dos moradores. O caboclo amazônico autêntico – remador, pescador, mariscador, construtor de ubás ou mateiro, para o qual não têm segredos o rio e a floresta – vive sem ambições, da mesma forma que o seu antepassado bugre (p.22).



O terceiro aspecto da introdução à antologia que merece destaque é o quadro histórico de ocupação da região, desde o final do século XVI. É o que chama a atenção aí é a atuação de missionários franciscanos, jesuítas, mercedários e carmelitas, de aventureiros e sertanistas, de “predadores de bugres” (p.24) e mineradores. A exploração das chamadas “drogas do sertão” (o cacau, a pimenta indígena, a baunilha, o cravo, a canela, a castanha, a salsaparrilha, a canafístula, a noz pechurim, plantas aromáticas e medicinais) proporcionou, por exemplo, ao lado da criação de gado, a manutenção econômica das missões com seus “aldeamentos de bugres” (p.24).

A população indígena, assim como os recursos naturais, foi obviamente explorada pelos diferentes incursores, mas de modo especial pelos missionários: “para a coleta desses produtos nativos, dispersavam-se os índios, rios acima, deixando durante meses suas mulheres e seus filhos debaixo da proteção dos missionários” (p.25). Essa forma de exploração não era possível aos colonos, fato que levou as missões em fins do século XVII a desfrutar de grande abundância. Os jesuítas, por exemplo, em meados do século XVIII, também possuíam em suas fazendas mais de trintas mil cabeças de gado, de que se manufacturavam, para exportação, couros curtidos. Para isso tudo, era usada mão-de-obra indígena, de baixo custo, já que “os índios vão ao sertão, ao cravo, trabalhando para quem os manda, e recebendo a paga limitada em roupa para si, seus filhos e mulher” (p.27).

À época da elaboração da antologia *Amazonas e Pará*, na década de 1950, Ernani Silva Bruno define a “região literarizada” – para usar aqui uma expressão de Jürgen Joachimsthaler⁴ – como de “população ainda rarefeita [...], de economia ainda de sentido predatório, muitos de seus moradores vivendo da caça e da pesca, à maneira do bugre manso” (p.33). Isso tudo apesar da existência de cidades em pleno desenvolvimento, como Manaus e Belém.

⁴ JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares* (Letras e Humanidades), n° 2, Caxias do Sul, jul/dez 2009.



Por fim, uma visão panorâmica sobre os autores escolhidos por Ernani Silva Bruno, para dar aos leitores uma imagem tão perfeita quanto possível “dessa região ainda hoje meio fabulosa” (p.33):

- Charles Marie de La Condamine – Pedras verdes e bichos (*Descendo o Amazonas*, 1743)
Carl Friedrich Von Martius – A dança dos Bugres (*Subindo o Japurá*, 1819-1820)
Hércules Florence – Os Mundurucus (*Nas águas do Tapajós*, 1828)
Henry Walter Bates – Os igarapés e o caçador (*Na região de Marajó*, 1849)
Alfred Russel Wallace – Galos-da-serra (*Alto Rio Negro*, 1850)
François Auguste Biard – Os canoeiros e o jacaré (*Do Rio Negro ao Madeira*, 1859)
Louis e Elisabeth C. Agassiz – As mestiças (*Na região de Manaus*, 1864)
José Veríssimo – O crime do tapuio (conto, 1886)
Inglês de Souza – O gado de valha-me-deus (conto, 1893)
Henri Coudreau – Cachoeiras e Tuxauas (*Subindo o Alto Tapajós*, 1895)
Alberto Rangel – Maibi (conto, 1908)
Euclides da Cunha – Judas Ahsverus (crônica, 1909)
Raimundo Morais – A boiuna e o irapurú (crônica, 1926)
Aurélio Pinheiro – A casa abandonada (conto, 1927)
Gastão Cruls – Sob o sol do Equador (*No rumo de Tumucumaque*, 1928)
Ferreira de Castro – A selva (páginas de romance, 1930)
Peregrino Júnior – Gapuiador (conto, 1933)
Rezende Rubim – O regatão (impressões de viagem, 1939)
Dalcídio Jurandir – Marajó (páginas de romance, 1947)

Os dezenove autores selecionados por Ernani Silva Bruno para integrar o primeiro volume de *Os rios e as florestas* contribuem para a “literarização da região”⁵ (JOACHIMSTHALER, 2009) do Amazonas e Pará, independentemente tanto da localização geográfica desses escritores e das casas editoriais em que as obras vieram a lume, quanto da adoção de uma bandeira regionalista. A literarização dessa região deixa entrever um conjunto de valores compartilhados pelos habitantes território, as formas de vida cotidiana que identificam a comunidade, o passado histórico e as atitudes, tradições, costumes, símbolos e crenças comuns ao grupo.

⁵ Cf. JOACHIMSTHALER, 2009.



A antologia aqui resgatada para discussão – apesar do viés quase sempre acrítico do antologista – possibilita reconhecer que esse conjunto de caracteres delinea não apenas uma região geográfica, mas especialmente uma “região sócio-cultural”⁶. Trata-se, em suma, de uma obra *sobre* o Amazonas e o Pará constituída por autores que viveram e publicaram em regiões que não coincidem com a região literarizada. Para os estudos regionais, ela pode ser o ponto de partida para a investigação das “regionalidades”⁷ que contribuíram para a criação do imaginário nortista e/ou amazônico.

Referências

RIEDEL, Diaulas. *Os rios e as florestas: Amazonas e Pará*. Seleção, instrução e notas de Ernani Silva Bruno, vol. I., São Paulo: Cultrix, 1959.

⁶ Cf. BERUMEN, Humberto Felix. *La frontera en el centro*. Ensaio sobre literatura. México – Baja Califórnia: Universidade Autônoma de Baja Califórnia, 2005.

⁷ Cf. ARENDT, João Claudio. Do outro lado do muro: regionalidades e fronteiras culturais. *Rua*, São Paulo, vol. 2, n^o. 18, 2012.

